

**POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 183 p.**

Fernanda Mussalim\*  
Roberto Leiser Baronas\*\*

*Questões para analistas do discurso* traz quatorze textos que não passam (ou não deveriam passar) despercebidos aos que se interessam pela reflexão em torno de noções basilares da AD: leitura, texto, sentido, língua, sujeito, história, interdiscurso, acontecimento discursivo, constituição de *corpora*, para citar apenas algumas delas. Pela vereda da polêmica, passa por temas relevantes, como o das imbricadas relações entre: Análise do Discurso e Linguística; língua/sentido, discurso/língua e discurso/texto; enunciação, estilo e autoria; história e acontecimento; memória e esquecimento, além de outros.

Os fragmentos reproduzidos nas orelhas abordam a clareza e a precisão com que Possenti concebe (ou traduz) o lugar teórico da AD, esclarecendo mais sobre a proposta inicial da AD e seus desdobramentos que repetições de conceitos recortados dos textos fundadores da área e citados em trabalhos de circulação nacional, dissertações e teses.

Cada artigo coloca em cena questões inter-relacionadas, de modo que o conjunto se oferece como reflexão pertinente acerca da rede teórica que constitui a AD. Nesta resenha, quatro artigos foram selecionados com a finalidade de apresentar algumas contribuições de

---

\* Professora da Universidade Federal de Uberlândia – UFU/CNPq; fmussalim@netsite.com.br

\*\* Professor da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/CNPq; baronas@uol.com.br

Possenti para a AD. O intuito é instigar a leitura, imprescindível para analistas do discurso que desejam “lidar teoricamente” com a teoria.

Começaremos com o terceiro artigo, *Ler Embalagens*, cujo tema central é a leitura. O autor demonstra, com a análise de duas embalagens de produtos, que um texto, por mais banal que pareça, é heterogêneo, pois coloca em cena discursos oriundos de diferentes lugares sociais. As análises detalhadas são forte evidência a favor da tese da dispersão do discurso, isto é, da existência de um campo discursivo complexo a partir do qual os textos se constroem; elas possibilitam ao leitor perceber que o texto relaciona-se a um exterior e que, por isso, a linguagem não é transparente e o sentido não é unívoco.

O sujeito enunciador também é tópico desse texto. Apesar de em uma embalagem o sujeito responsável pela enunciação ser a empresa (ela terá que responder legalmente por eventuais informações falsas), é um equívoco pensar que, por isso, o enunciador corresponde a um sujeito com nome e CPF. O sujeito, como um correlato da dispersão do discurso, também se apresenta disperso. Guardadas as especificidades da natureza dos discursos, a leitura de uma embalagem implica a consideração dos mesmos aspectos que a de um romance ou poema implicaria. Não haveria, portanto, um texto mais afeito aos postulados da AD que outros – e isso valeria também para o modo de consideração dos enunciadores. O mais interessante no percurso do autor nesse artigo é notar como, “a partir de textos e suportes aparentemente banais, pode-se saltar para a alta filosofia, a propósito de dois de seus temas clássicos, cada vez mais relacionados entre si, a linguagem e o sujeito” (p. 49).

No sexto artigo, *Observações esparsas sobre discurso e texto*, o autor aponta “circunstâncias em que texto e discurso se cruzaram, no interior de trabalhos de AD” (p. 72). Menciona o momento fundador da área, em que Pêcheux afirma que o tratamento de um objeto como o texto exige que se realize um corte epistemológico, uma mudança de terreno em relação à Linguística saussureana; além disso, Pêcheux demarca uma clara diferença entre a AD, que começava a existir, e a análise de texto.

Em seguida, refere-se ao trabalho de Courtine e a duas menções, feitas pelo autor, a respeito do contato entre a AD e o texto. A primeira “reduz o texto a um espaço em que ocorrem enunciados, e, assim, deixa o texto aquém do próprio texto, mesmo da perspectiva das pri-

meiras Linguísticas textuais” (p. 74); a segunda, diz respeito ao intra-discurso, um nível de descrição referido habitualmente por meio das noções de fio do discurso, coerência textual, estratégias argumentativas. De acordo com Possenti, a segunda menção ilustra bem o modo como Courtine concebe a relação entre texto e discurso: “o discurso ‘precisa’ do texto, é no texto que o discurso se delinea” (p. 74). Entretanto, falta, na avaliação do autor da coletânea, “um tratamento explicitamente discursivo das categorias ‘de texto’ que explicitem o que é discursivo no texto (...), assim como se disse claramente o que é discursivo no enunciado e no léxico” (p. 74).

Possenti ainda observa que, em Maingueneau, também é possível reconhecer o contato texto/discurso, quando o autor demonstra que as restrições discursivas regulam a anaforização (um processo tipicamente textual), já que ela será uma ou outra, a depender da FD à qual o sujeito está subordinado. Também Orlandi explicita aspectos relevantes da relação texto/discurso, dentre eles, o de que o texto é a materialidade do discurso. Possenti esclarece que em alguns de seus trabalhos (1988, 2001 e 2009) procurou estabelecer uma relação mais imbricada entre texto e discurso. (p.79). Todas essas considerações são fortes evidências de que a relação texto/discurso foi fundamental para a constituição da AD, mas que a questão do texto em AD não foi suficientemente tratada.

No sétimo artigo, Dez observações sobre a questão do sujeito, o autor elenca dez questões sobre o tema que são, em sua avaliação, uma espécie de mescla de teses com depoimentos sobre suas aproximações do problema. Dentre elas, talvez a que mais representativa de sua posição seja a de que “o sujeito é uma questão aberta”. A essa tese se junta uma contratese: “o sujeito é efeito (*de fato, essa formulação não me agrada*, porque situa o discurso da AD, voluntariamente ou não, pouco importa, no interior das filosofias que ela pretende negar – as das causas e efeitos)” (p. 82; grifo nosso).

Há, ainda, uma espécie de revisão da constituição do autor enquanto analista de discurso/linguista, a partir de alguns teóricos (filósofos, sociólogos, historiadores, linguistas), que contribuiu para sua construção da noção de sujeito (e também de língua, sentido, enunciação, autoria, estilo – noções, altamente imbricadas com a de sujeito). Essa trajetória possibilitou a Possenti formular sua posição: “imaginei que aqueles autores mostravam um espaço de jogo que se

realiza mais ou menos na superfície da língua, digamos assim, o que, para mim, deixava claro que é evidentemente verdade que os sujeitos não estão na origem dos discursos” (p. 83).

A consideração desse espaço de jogo que se realiza mais ou menos na superfície da língua tem implicações para a concepção de sentido – “o sentido não pode definitivamente ser o mesmo se se materializa de formas diversas” (p. 85) –, trazendo de volta a questão do estilo, pouco associada à reflexão da AD (até mesmo pela vulgata do sujeito assujeitado e também pela maneira de se compreender a concepção de paráfrase, como um processo que impõe o mesmo ao diferente). Possenti dedicará parte representativa de sua pesquisa ao estudo da problemática do estilo. O tema voltará a ser abordado em *Enunciação autoria e estilo e Índícios de autoria*.

Em Ducrot e a análise do discurso, décimo segundo texto, o autor busca mostrar a viabilidade de associar Ducrot e a AD francesa. Embora Ducrot se inscreva no domínio da semântica argumentativa, aspectos do tratamento dado às noções de implícito, *topoi* e polifonia o levam à beira da AD. Possenti argumenta que, se Ducrot tivesse analisado corpora diferentes dos que analisou, teria tido recepção diferente na AD, porque formulou questões que ela deveria considerar seriamente (p. 142). Para fundamentar seus argumentos, Possenti analisa, com base nos postulados de autor sobre o funcionamento argumentativo dos operadores discursivos, ocorrências do operador “mas” no gênero humorístico crônica e compara os resultados com o funcionamento discursivo de enunciados políticos trabalhados por Courtine. Chega à conclusão de que, em ambos os casos, há uma relação interdiscursiva e/ou polifônica sustentando os discursos: quer em termos de polifonia ou de interdiscurso, há um alhures sustentando os discursos.

O tratamento dado por Ducrot a implícitos e *topoi* também o aproxima da AD. Nos *topoi*, um enunciador não fala a não ser que haja um *topos* que o autorize, isto é, uma memória, um saber. Que diferença existe entre isso e falar a partir de uma FD? Esta é, para Possenti, uma das evidências de que a interpretação segundo a qual a teoria de Ducrot faz o discurso emergir do sujeito é equivocada. O sujeito em Ducrot não é fonte de seu dizer. Diferentemente, “pode ser associado ao sujeito tático, seja para enunciar, seja para interpretar adequadamente (p. 151).

Conclui com a avaliação do filósofo esloveno Zizek, que lista um conjunto de trabalhos que, de alguma maneira, assumiram a ideologia como condição para a comunicação. Todavia, para ele, é Oswald Ducrot que, mesmo não empregando o termo ideologia, possui a versão mais elaborada dessa abordagem. Essa afirmação, no entendimento de Possenti, é um forte argumento a favor da tese que defende, a saber, que não há razão para se rejeitar os postulados de Ducrot no diálogo com a AD. Apesar das diferenças epistemológicas e metodológicas entre os dois arcabouços teóricos, é a análise de Ducrot que mais radicalmente exige que a linguagem seja considerada uma instância ideológica.

As reflexões que Possenti realiza nesse artigo parecem-nos cruciais para que certos ranços (althusserianos e outros mais) da AD sejam eliminados. Sem isso, fica difícil sustentar uma teoria do discurso que se recusa a olhar para outros fenômenos discursivos, diferentes daqueles restritivos aos discursos de arquivo.

No décimo artigo, A noção de acontecimento, Possenti destaca essa noção como crucial para a AD – mesmo que a ela não tenha sido concedido um lugar privilegiado no campo, que preferiu o repetível, o estrutural. Por esse motivo, propõe-se a refletir sobre essa noção e seus produtivos efeitos sobre a teoria a partir de dois historiadores (Burke e Foucault).

Considerando as reflexões foucaultianas, Possenti atenta para o fato de que a AD deveria tratar de acontecimentos de diversas ordens e não apenas de acontecimentos tipicamente tidos como fundamentais (a publicação de uma obra, um manifesto, um editorial, um programa de governo, uma proposta de pacto, as eleições presidenciais, as ocupações de prédios públicos pelos movimentos sociais etc.): “pelo menos em suas práticas mais comuns de análise, um acontecimento seria considerado como tal na medida em que ensejasse a sua retomada ou sua *repetição*” (p. 125). Nessa perspectiva, o estruturalismo, o feminismo, o nacionalismo, por exemplo, poderiam ser considerados acontecimentos discursivos.

A proposta do autor é que, ao se analisar um acontecimento discursivo, sejam levados em consideração acontecimentos que se inserem numa determinada série e tudo o que se diz em distintas materialidades acerca de um evento, independentemente da duração de suas temporalidades. Essa concepção rompe com um modo de fa-

zer história, que procura em tudo um sentido, ou que procura pela reiteração do mesmo sentido e dos processos de sua produção, e permite especificar os elementos que, em um discurso, escapam de fato aos sujeitos, bem como aqueles dos quais os sujeitos têm conhecimento. Essa questão pode produzir efeitos interessantes para a concepção do sujeito em AD, bem como possibilitar a rediscussão das noções de esquecimento e memória.

Todos os artigos mereceriam comentários. Entretanto, esperamos que as considerações que fizemos sejam suficientes para mostrar a relevância de *Questões para analistas do discurso*. Possenti leva às últimas consequências a prática de (re)pensar a teoria, por meio de refinadas leituras de textos teóricos, de análises de dados e pela postura que, apontando problemáticas, instiga o debate.